



## COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL NA POLÍTICA: UMA INTRODUÇÃO AOS CAMPOS DE ESTUDO E FUNÇÕES

Sergio Fernandes Senna Pires<sup>1</sup>

**Palavras-chaves:** Comunicação não-verbal e política. Campos de estudo. Funções.

### RESUMO

O uso da comunicação não-verbal tem sido um tema bastante explorado na prática do debate democrático, porém a sua abordagem científica é pouco conhecida e realizada no Brasil. Nesse contexto, o objetivo do trabalho é realizar uma breve revisão da literatura científica em Psicologia sobre a definição dos campos de estudo da comunicação não-verbal e de suas funções, aplicando esse conhecimento ao ambiente político democrático.

De forma geral, quando pensamos em comunicação, damos maior importância à verbalização. Parece que as palavras expressas têm uma concretude que não nos escapa à consciência. No entanto, em países de Língua Inglesa, o canal não-verbal vem sendo estudado sistematicamente a partir dos anos 50 do século passado. Desde os primeiros estudos (DEUTCH, 1947; BIRDWHISTELL, 1952; EKMAN, 1957; HALL, 1966; EKMAN; FRIESEN, 1969; KNAPP, 1972), a pesquisa científica vem destacando a relevância do comportamento não-verbal para a compreensão integral dos fenômenos da linguagem, dos processos psicológicos e da interação entre os seres humanos.

Os campos de estudo da comunicação não-verbal envolvem todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras (KNAPP, 1972): os gestos; expressões faciais; orientações do corpo; as posturas; a aparência física; a relação de distância entre os indivíduos; a modulação da voz e, até mesmo, a organização dos objetos no espaço. Matsumoto, Frank e Hwang (2013) argumentam que, para uma compreensão acadêmica sobre o tema, o estudo da comunicação não-verbal pode ser dividido em quatro principais áreas: a) Proxêmica; b) Paralinguagem; c) Cinésica; d) Estudo da Aparência Física.

A Proxêmica estuda como os seres humanos se organizam no espaço. Somos animais territoriais, então nossas salas, nossos objetos podem ser dispostos e utilizados de forma a comunicar significados (HALL, COATS e LEBEAU, 2005). A Paralinguagem estuda como as características sonoras da voz podem influenciar o significado. Volume, tonalidade, velocidade, inserção de pausas e ruídos influenciam e alteram os significados do que falamos. O Estudo da Aparência Física na comunicação não-verbal avalia o impacto que as características físicas de alguém causam no observador (TODOROV, 2009), sem que haja

---

<sup>1</sup> Câmara dos Deputados e Universidade de Brasília (UnB) (senna\_pires@yahoo.com.br).

# IX JORNADA DE PESQUISA E EXTENSÃO

*O Espaço da Democracia: desdobramentos políticos e reflexos na gestão do Poder Legislativo*  
17 e 18 de setembro - Câmara dos Deputados, Brasília-DF



qualquer relação com a personalidade da pessoa que detém as características que estão sendo observadas. Por fim, a Cinésica estuda tudo que tem movimento. Expressões faciais, posições e gestos são o seu objeto (HALL, 1966).

Quanto ao uso da comunicação não-verbal, Ekman e Keltner (2014, 1997) argumentam sobre a existência de um núcleo de expressões faciais, emoções básicas e gestos que podem ser considerados inatos e ligados ao funcionamento do Sistema Nervoso Autônomo. Segundo essa concepção, a utilidade da observação desse canal comunicativo é importante para conferir a autenticidade do que está sendo dito, e também aumentar a previsibilidade do comportamento humano observável (EKMAN, 2016).

Há tempos que as funções exercidas pela comunicação não-verbal são estudadas e, por meio delas, é possível inferir que influências têm em relação a mensagens que desejamos transmitir (KNAPP, 1972): a) repetição e ênfase da mensagem verbal; b) contradição do que foi verbalizado; c) complementação; d) substituição; e) regulação do fluxo verbal; f) sinalização das relações de poder no espaço físico.

Para repetir uma mensagem, um político usa um gesto ilustrador afirmativo (polegar para cima), por exemplo, logo em seguida da mensagem verbal. Para enfatizá-la, basta apresentar esse mesmo gesto simultaneamente àquilo a se dizer. Contradiz-se uma mensagem verbal exibindo uma expressão facial de uma emoção não compatível com o discurso (UNDERWOOD, 2004), fenômeno que pode ser observado com frequência em oradores de tendências políticas adversárias.

Gestos e expressões faciais podem substituir a verbalização quando, por exemplo, um parlamentar que chega em uma reunião com uma expressão abatida pode comunicar que teve dificuldades nos embates anteriores, sem nada dizer. A regulação do que estamos dizendo se dá pela sinalização dos momentos pelos gestos (HALL, COATS e LEBEAU, 2005). No debate político, por exemplo, acenar para uma pessoa esperar para falar é gesto muito comum e conhecido, assim como utilizar o silêncio como promotor da narrativa de alguém.

Se considerarmos que a compreensão da fala é apenas uma parte do processo comunicativo, torna-se possível entender que expressões e manifestações corporais são elementos essenciais em um processo mais amplo que comunica não somente informação, mas principalmente as nossas emoções, sobrepondo canais de comunicação e sendo essencial o seu entendimento e o seu uso no contexto da política.

## REFERÊNCIAS

BIRDWHISTELL, R.L. **Introduction to kinesics**. Louisville: University of Louisville Press, 1952.

EKMAN, P. What scientists who study emotion agree about. **Perspectives on Psychological Science**, v. 11, n. 1, p. 31-34, Jan. 2016.

# IX JORNADA DE PESQUISA E EXTENSÃO

*O Espaço da Democracia: desdobramentos políticos e reflexos na gestão do Poder Legislativo*  
17 e 18 de setembro - Câmara dos Deputados, Brasília-DF



\_\_\_\_\_. A methodological discussion of nonverbal behavior. **Journal of Psychology**, v. 43, p. 141-149, 1957.

EKMAN, P.; FRIESEN, W.V. The Repertoire of Nonverbal Behavior: Categories, Origins, Usage, and Coding. **Semiotica**, v. 1, n. 1, p. 49-98, 1969.

EKMAN, P.; KELTNER, D. Darwin's claim of universals in facial expressions not challenged. **Huffington Post**, 4 Oct. 2014.

\_\_\_\_\_. Universal facial expressions of emotion: An old controversy and new findings. In: SEGERSTRALE, U.C.; MOLNAR, P. (Org.), **Nonverbal communication: where nature meets culture**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1997. p. 27-46.

DEUTCH, F. Analysis of postural behavior. **Psychoanalytical Quarterly**, v. 16, p. 195-213, 1947.

HALL, E.T. **The hidden dimension**. New York: Doubleday, 1966.

HALL, J.A.; COATS, E.J.; LEBOAU, L.S. Nonverbal behavior and the vertical dimension of social relations: A meta-analysis. **Psychological Bulletin**, v. 131, n. 6, p. 898-924, 2005.

KNAPP, M.L. **Nonverbal communication in human interaction**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

MATSUMOTO, D.; FRANK, M.G.; HWANG, H.S. Reading people: introduction to the world of nonverbal behavior. In: MATSUMOTO, D.; FRANK, M.G.; HWANG, H.S. (Org). **Nonverbal communication: science and applications**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2013, p. 4-14.

TODOROV, A.; PAKRASHI, M.; OOSTERHOF, N.N. Evaluating faces on trustworthiness after minimal time exposure. **Social Cognition**, v. 27, n. 6, p. 813-833, 2009.

UNDERWOOD, M. K. Glares of contempt, eye rolls of disgust, and turning away to exclude: Understanding nonverbal forms of social aggression among girls. **Feminism and Psychology**, v. 14, p. 371-375, 2004.